Subúrbios (Valete – Portugal)

Subúrbios....

Onde a realidade é sinistra e não dá advérbios

5 da matina

Já todos caminham pr'o o mesmo enredo

Porque nos subúrbios

O sol levanta sempre mais cedo

É um povo escravizado nesta sociedade de extremos

Trabalham 2 vezes mais

e ganham 2 vezes menos

Sentes o cheiro intenso

Que esses homens trazem no sovaco

Porque não há desodorizante

que abafe o suor do

Trabalho escravo

Manos encharcam na bebida

todo o espírito frustrado

Por cada garrafa que acaba

É uma esposa c'o olho inchado

Ainda creditas que o futuro

será diferente do passado

Aqui não dá para dormir

Quanto mais para sonhar és parvo!

Aqui o Diabo choca e actua

Às vezes para veres o Inferno

Basta abrires a porta da rua

Negros dos subúrbios

são sempre vistos como gente a mais

Para as discotecas africanas

eles são pretos¹ demais

São 22h00 ainda

há gente no trabalho

Porque para os suburbanos a

lua levanta sempre mais

Tarde....

Onde a tua mãe aos 14 engravidou

Onde o teu pai semeou e não ficou

Onde a pobreza penetrou e se instalou

Subúrbios onde Deus nunca passou...

Onde a policia espancou e assassinou

Onde o meu povo lagrimou e ripostou

Onde o meu *flow* [*inspiração, onda, estímulo*]

escureceu e congelou

Subúrbios onde Deus nunca passou

Manos em desespero gritam...

Que safoda [se foda] os empregos

Há sempre trabalho

nas esquinas do Guetto

Vendem doses duras

¹ Expressão cujo uso, no contexto afroportuguês, remete ao tratamento dispensado pelos portugueses brancos às pessoas negras, passado colonial; é geralmente evitada e restrita a certos contextos de pertença e intimidade; sinónimos mais usuais: "negro", "afro", "irmãos/irmãs", "black".

a pobres coitados à deriva
E que se armam em heróis
E pensam que podem
foder com a Heroína
Vês milhares deles por aí
com uma seringa no braço
A investirem a vida
num suicídio de médio prazo
Momento de silencio
para todos os manos
Que a heroína levou.....
Chikas querem sempre algo em troca
para poder abrir as pernas
Mas a única cena *[situação, contexto, oportunidade]*
que manos têm para oferecer
é a esperma
São racionais
mas raramente racionalizam
Acham que a cona é quente demais
para usarem camisa *[preservativo]*
Aqui tens de ter cuidado
com as pachaxas *[vaginas]* que tens a
Merecer
Podes entrar cheio de fé
e sair com HIV
Ouviste!?
Esses *dreads* entram
em qualquer racha *[vagina]* que se abre
Por isso aqui nada cresce
A não ser a taxa de natalidade
E dos putos que nasçam às
uns nem têm a cara do pai
É fudido *[incrível]*:
têm a cara do melhor amigo do pai
Subúrbios...

Manos saem de cana
Mas cá fora não há chance pr'a gente cadastrada²
Então vão e voltam como se a prisão
Fosse uma segunda casa
Aqui mães sofrem
Porque mães sabem
Que a cada 2 filhos que fazem 1 é para as ruas
Adoptarem
Na rua não há futuro
Não á amor
Não há fé
Esses putos *[crianças]* roubam para comer, Bro!
E comem bué *[muito, demasiadamente]*
Sempre que há drama só contigo é que podes contar
Porque 112 aqui pode ser o nº do azar
Bófiás vêm³ pr'os Subúrbios
com arrogância e prepotência
Por isso é que forças de segurança

² Cidadã/cidadão com ficha policial ou passagem pelo sistema carcerário português.

³ Marca de oralidade, o mesmo que “vêm” (3ª. pessoa do plural, verbo vir). O mesmo ocorre com o verbo ter: “têm > têm”.

Aqui só trazem insegurança
Vêm numa de roubar pretos com armas e cacetetes
Há mais Skinheads na PSP [*Polícia de Pegurança Pública*]
que no PNR [*Partido Nacional Republicano*]
Mas onde tá tudo mudado não é só levar e cair
Manos também tão armados
Porque tão cansados de fugir
Enrolam com bué [*muita, exagerada*] artilharia
Prontos para quando o beef estala
Bófiás [*polícia*] têm 7 vidas niggas têm 8 balas

O ppl [people] da linha de Sintra vai sentir este som
Tropas da Margem Sul vão sentir este som
Todos os manos que tão de cana vão sentirem este som
Em Odivelas (ODC) St. António vão sentir este som
Em Talaide e Carcavelos vão sentir este som
Manos de Quarteira e Gaia vão sentir este som
Ate nos subúrbios de Braga vão sentir este som
A rádio é muito patakeira [*ordinária, vulgar, "coxinha"*]
pr'a passar esse som

Subúrbios... Subúrbios... Subúrbios...
Bófiás [*polícia*] têm 7 vidas, *niggas*⁴ têm 8 balas

FIM DE SEMANA NO PARQUE (Mano Brown)

"1993, fudidamente voltando, RACIONAIS, usando e abusando da nossa liberdade de Expressão /Um dos poucos direitos que o jovem negro ainda tem nesse país / Você está entrando no mundo da informação, auto-conhecimento, denúncia e diversão, Esse é o raio-x do Brasil, seja bem vindo".

À TODA COMUNIDADE POBRE DA ZONA SUL

Chegou fim de semana todos querem diversão,
Só alegria nós estamos no verão, mês de Janeiro
São Paulo, Zona Sul
Todo mundo a vontade calor céu azul
Eu quero aproveitar o sol e
Encontrar os camaradas pra um basquetebol
Não pega nada
Estou à 1 hora da minha quebrada
Logo mais, quero ver todos em paz

Um, dois, três carros na calçada
Feliz e agitada, toda "prayboyzada"
As garagens abertas eles lavam os carros
Desperdiçam a água, eles fazem a festa
Vários estilos, vagabundas, motocicletas
Coroa rico boca aberta, isca predileta
De verde fluorescente, queimada, sorridente
A mesma vaca loura circulando como sempre
Roda a banca dos playboys do Guarujá
Muitos manos se esquecem

⁴ Anglicismo, marcado pela oralidade; o mesmo que "nigger": forma pejorativa utilizada nos EUA para se referir aos negros; em português brasileiro equivaleria a "crioulo".

Mas na minha não se cresce
Sou assim e estou legal, até me leve a mal,
Malicioso e realista sou eu Mano Brown
Me de 4 bons motivos pra não ser
Olha meu povo nas favelas e vai perceber
Daqui eu vejo uma caranga do ano
Toda equipada e o tiozinho guiando
Com seus filhos ao lado estão indo ao parque,
Eufóricos, brinquedos eletrônicos
Automaticamente eu imagino
A molecada lá da área como é que tá
Provavelmente correndo pra lá e pra cá
Jogando bola, descalços nas ruas de terra
É, brincam do jeito que dá
Gritando palavrão é o jeito deles
Eles não tem video-game às vezes nem televisão
Mas todos eles tem Doun São Cosme, São Damião
A única proteção.

No último natal Papai Noel escondeu um brinquedo
Prateado, brilhava no meio do mato
Um menininho de 10 anos achou o presente
Era de ferro com 12 balas no pente
E o fim de ano foi melhor pra muita gente
Eles também gostariam de ter bicicleta
De ver seu pai fazendo cooper tipo atleta
Gostam de ir ao parque e se divertir
E que alguém os ensinasse a dirigir
Mas eles só querem paz e mesmo assim é um sonho
Fim de semana do Parque Sto. Antônio.

Vamos passear no Parque
Deixa o menino brincar
Fim de Semana no parque
(Vou rezar pra esse domingo não chover)

Olha só aquele clube que da hora
Olha aquela quadra, olha aquele campo, olha
Olha quanta gente
Tem sorveteria, cinema, piscina quente
Olha quanto boy, olha quanta mina
Afoga essa vaca dentro da piscina
Tem corrida de kart, dá pra ver
É igualzinho ao que eu ví ontem na TV
Olha só aquele clube aqui "da hora"
Olha o pretinho vendo tudo do lado de fora
Nem se lembra do dinheiro que tem que levar
Pro seu pai bem louco gritando dentro do bar
Nem se lembra de ontem de onde o futuro
Ele apenas sonha através do muro...

Milhares de casas amontoadas
Ruas de terra esse é o morro
A minha área me espera
Gritaria na frente (vamos chegando !)
Pode crer, eu gosto disso mais calor humano
Na periferia a alegria é igual

É quase meio-dia a euforia é geral
É lá que moram meus irmãos, meus amigos
E a maioria por aqui se parece comigo
E eu também sou bam bam bam e o que manda
O pessoal desde às 10 da manhã está no samba
Preste atenção no repique, atenção no acorde
(Como é que é Mano Brown ?)
Pode crer, pela ordem

A número, número 1 abaixa a renda da cidade
Comunidade, Zona Sul é dignidade
Tem um corpo no escadão a tiazinha desse o morro
Polícia a morte, polícia, socorro
Aqui não vejo nenhum clube poliesportivo
Pra molecada frequentar nenhum incentivo
O investimento no lazer é muito escasso
O centro comunitário é um fracasso
Mas aí se quiser se destruir está no lugar certo
Tem bebida e cocaína sempre por perto
A cada esquina 100, 200 metros
Nem sempre é bom ser esperto
Smith, Taurus, Rossi, Dreher ou Campari
Pronúncia agradável estava inevitável
Nomes estrangeiros que estão no nosso meio pra matar
M.E.R.D.A.

Como se fosse hoje eu ainda me lembro
7 horas, sábado, 4 de Dezembro
Uma bala, uma moto com 2 imbecis
Mataram nosso mano que fazia o morro mais feliz
E indiretamente ainda faz, mano Rogério esteja em paz
Vigiando lá de cima, a molecada do Parque Regina
Tô cansado dessa porra, de toda essa bobagem
Alcoolismo, vingança, treta, malandragem
Mãe angustiada, filho problemático
Famílias destruídas, fins de semana trágicos
O sistema quer isso a molecada tem que aprender
Fim de semana no Parque Ipê

Vamos passear no Parque
Deixa o menino brincar
Fim de Semana no parque
(Vou rezar pra esse domingo não chover)

"Pode crer: Racionais MCs e Negritude Júnior juntos
Vamos investir em nós mesmos,
Mantendo distância das drogas e do álcool
Aí rapaziada do Parque Ipê, Jardim São Luiz, Jardim Ingá,
Parque Arariba, Vaz de Lima Morro do Piolho,
Vale das Virtudes e Pirajussara
É isso aí Mano Brown
(é isso ai Netinho paz à todos)"

Rap

Na minha opinião o RAP (ritmo e poesia) é mais do que só uma música, ele me faz pensar com seu ritmo e letras humanistas e protestantes, diria até que se torna pra mim uma filosofia que dentro dela há vários pensadores com suas diversas maneiras de pensar e filosofar. Mas nossa sociedade ainda não enxergou o verdadeiro valor disso tudo; com suas críticas irrisórias e contraditórias eles julgam este estilo musical como marginalização e ignorância; na verdade não o somos, vemos o que se passa fora desse meio e aí confirmamos suas contradições. O RAP tem como sua ideologia informar, fortificar e reivindicar o que lhes prejudica e que tens direito, sendo apoiado pelas parcelas da população que encontra dificuldade financeira, social e política.

(www.funkfuracao2000.hpg.ig.com.br/entretenimento/17/index_int_3.html)

“Vindo da periferia carioca e ligado em som negro, King Combo não pôde escapar da febre conhecida como... funk. Em *Personal Trainer*, Gerson não resiste ao apelo calíptico das funkeiras e inclui os versos "É bundinha pra lá, é bundinha pra cá /É um show de mexe mexe rebolando sem parar". "Pô, quem é que não gosta de um *popozão*? É bonito de se ver, a dança é legal", entrega o *man in black*. "O que fica mal é denegrir as mulheres, fazer baixaria. As brigas nos bailes também não são bonitas. Encaro as letras do funk como se fossem uma piada, sem compromisso social. Não é para levar a sério.”

http://cliquemusic.uol.com.br/br/Acontecendo/Acontecendo.asp?Nu_materia=2701

“Os rapeiros paulistas nutrem certo desprezo pelos funkeiros cariocas. Mas, no seu principal reduto, o piso térreo da Galeria do Rock (Rua 24 de Maio, 62), funk carioca é o que mais vende.

"Ninguém do pessoal que freqüenta aqui gosta. É que aparece na Xuxa e aí vem gente comprar. A mídia impõe e vende", diz Preto D, vendedor da loja Bronx, uma das especializada em rap - mas que também ganha com a moda carioca.

‘Rap é diferente’ Preto D conta que até pouco tempo atrás os CDs mais vendidos eram dos grupos Verbo Terrorista, Apocalipse 16 e Cartel Central, todos grupos que pregam a religião como maneira de sair do crime. "O rap é completamente diferente desse funk. As letras do rap são conscientes. O funk fica nessa de dança da cadeira", diz o vendedor, referindo-se a uma coreografia praticada nos bailes funks do Rio, que alude a práticas sexuais. "O funk é moda. Vai durar uns dois meses", profetiza.”

Hoje, o rap paulista e o funk carioca são ritmos distintos: o primeiro tem uma batida lenta, é cheio de samplers (uso de gravações de outros artistas) e letras repletas de mensagens e críticas. O funk, com batida mais rápida, sem melodia e com forte conteúdo sexual em suas letras.

Mas os dois nasceram juntos, no meio da década de 80, como imitações do rap americano. "Aqui e no Rio se ouvia a mesma coisa", diz Caverna, ex-DJ e colaborador de várias revistas sobre rap.

"Na época, o único recurso era a bateria eletrônica. O rap daqui foi evoluindo, tanto nas letras quanto nos samplers. Lá, o funk ficou parado no tempo. Por isso, em todo funk, só se ouve tu-tu-tu-tu...", diz imitando a batida rápida do funk carioca.

Caverna também lembra que esse som conhecido como funk carioca nada tem a ver com o funk, ritmo marcado pelo balanço. "Quem fazia funk era o James Brown, Jimmy Bo House, Bass Contruction, Tim Maia, King Combo. Esses sons a gente usa em sampler.”

Maurício Palhares (<http://www.jt.estadao.com.br/editorias/2001/03/13/ger696.html>)